

O feminicídio e o ciclo de violências anteriores: uma análise da cobertura jornalística do caso Wellen Kássia Cardoso ¹

Ana THOMMEN²

Nicoli TASSIS³

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

Resumo

Casos de feminicídio acontecem diariamente no Brasil e são cotidianamente noticiados nos veículos de comunicação. Um dos casos emblemáticos da cobertura jornalística no Triângulo Mineiro foi o de Wellen Kássia Cardoso, morta pelo então marido na presença do filho mais novo. Tal narrativa seriada - reverberada local, regional e estadualmente - reúne vários elementos comuns em casos de feminicídio, em que a morte é antecedida por outras agressões. Neste trabalho, analisamos o feminicídio enquanto processo, em que uma série de violências demarcam simbolicamente um duplo lugar de predição e naturalização da morte. Assim, a partir das 16 notícias, interessa-nos observar como o jornalismo tem contado essas histórias e que fragilidades e potências de transformação podem emergir de tais narrativas.

Palavras-chave: Feminicídio; narrativa; jornalismo; estudos de jornalismo; webjornalismo.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta discussões da pesquisa de iniciação científica “Como as múltiplas identidades das mulheres se materializam nas narrativas jornalísticas sobre feminicídio?”. Sendo um estudo desenvolvido entre maio de 2023 e junho de 2024, no

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – 47ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante do 6º período do Curso de Jornalismo da FAGED/UFU e membro do Grupo de Pesquisa em Narrativa, Cultura e Temporalidade., e-mail: ana.thommen@ufu.br

³ Professora orientadora. Professora do curso de Jornalismo da FAGED/UFU, do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGELIT / ILEEL) e do Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação (PPGCE / FAGED). Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Narrativa, Cultura e Temporalidade (Narra). e-mail: nicolitassis@gmail.com

curso de Jornalismo na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), atrelado ao projeto de pesquisa de “Catástrofes cotidianas: explorações analíticas das articulações entre temporalidades, acontecimentos e textualidades” (CNPq Pró-Humanidades 2022) e ao Grupo de Pesquisa em Narrativa, Cultura e Temporalidade (NARRA / UFU).

Instigadas por outras pesquisas afins, como a realizada pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 2015, que apresentou a análise de como os casos de feminicídio eram noticiados no estado, fomos confrontadas com o apontamento de que é priorizada a quantidade de notícias em relação à qualidade delas, propriamente. De acordo com o estudo, a cobertura jornalística, majoritariamente, se ofertava enquanto réplicas de boletins de ocorrência da polícia e raramente agregava informações úteis para mulheres que, ao lerem as notícias, pudessem se identificar com os ciclos da violência, fazendo por si mesmas uma reflexão a respeito dessa problemática.

Então, passamos a fazer o levantamento de como tais narrativas têm sido construídas em nosso estado (Minas Gerais). A partir de uma varredura mais ampla, este trabalho se debruça em um caso particular, que nos apresenta elementos tidos como emblemáticos para a compreensão do tema proposto. Buscamos, no horizonte, observar modos de humanização dos relatos e formas de fomentar o debate em torno de políticas públicas que visem erradicar o feminicídio, reivindicando o jornalismo enquanto campo de saber e poder fundamental para a discussão das principais questões da sociedade contemporânea.

CASO WELLEN

Wellen de Cássia Cardoso foi morta no dia 12 de julho de 2022 pelo marido, Diego Pireth, na frente do filho. Diego proferiu cinco golpes de faca contra a então esposa e fugiu após o crime com o filho, sendo detido pela polícia a mais de 300 quilômetros de distância do local do crime. Ele foi preso e em depoimento à Polícia disse que a morte foi acidental, motivada por uma possível traição da parte de Wellen, que o levou a entrar em uma luta corporal e desferir os golpes contra ela.

O caso de Wellen se mostra emblemático para pensar pontos cruciais de violência contra a mulher que são marcações anteriores ao feminicídio. Sua morte não foi o primeiro caso de violência de Diego contra ela. Antes do feminicídio, Wellen viveu um relacionamento abusivo com seu marido, em que sofreu violência doméstica, foi sequestrada e por fim, assassinada. O ciclo da violência contra a mulher está intrinsecamente marcado em sua história.

Segundo a psicóloga Lenore Walker (Walker, 1979), o “Ciclo da Violência” é utilizado para identificar padrões abusivos em relacionamentos amorosos. O ciclo é composto por três fases, que normalmente se repetem em um ciclo infinito durante os relacionamentos. A primeira fase do ciclo é chamada pela psicóloga de “aumento da tensão”, momento em que o agressor demonstra irritação com assuntos banais e com pequenos detalhes, tem acessos de raiva constantes e começa a fazer ameaças à companheira. Nessa fase, é comum que a vítima não aceite o que está acontecendo e negue o comportamento do agressor - afinal, ele não era assim antes.

Na segunda fase, chamada de “ataque violento”, é quando a agressão física ou psicológica acontece de fato. É quando o agressor “perde a cabeça” e materializa toda a tensão encontrada na primeira fase. Depois dessa fase, a “lua de mel” comumente acontece, que é quando o agressor se arrepende de ter cometido a violência e tenta se redimir com a vítima. No caso de Wellen, percebe-se que ela já estava inserida em um relacionamento abusivo, e com o passar do tempo, as tensões foram apenas aumentando e os momentos de “ataques violentos” apenas cresceram.

Em 2020, quando ela tentou finalizar seu casamento com Diego, ele não aceitou a separação e decidiu sequestrar Wellen e o filho. Na época, o sequestro aconteceu na casa da mãe da vítima e eles foram levados até uma chácara na Zona Rural de Uberlândia. Depois de 30 horas em cárcere, a polícia os resgatou. O sequestro foi noticiado apenas no “Diário de Uberlândia” por se tratar de um veículo local, sendo feitas duas notícias sobre o assunto, [“Homem que sequestrou ex-mulher e filho é indiciado pela Polícia Civil”](#) (Diário de Uberlândia, 2020, Bruna Merlin).

Após o sequestro, Pireth foi preso e libertado em abril de 2022. Wellen havia requerido uma medida protetiva contra o mesmo, mas após a progressão de pena, eles se reconciliaram, ela decidiu retirar a medida protetiva e voltaram a morar juntos. Neste meio tempo, entre sua liberdade em abril e o crime em julho, Diego também foi detido por ameaça contra a vítima.

O termo feminicídio foi definido pelos pesquisadores Russel e Radford (1992) como uma expressão para designar os assassinatos de mulheres que teriam sido provocados pelo fato de serem mulheres. Tal definição se encontra no artigo “Feminicídios” e as mortes de mulheres no Brasil” de Wânia Pasinato (1995); artigo que discorre sobre as mudanças na definição do termo feminicídio ao longo dos anos e as questões envolvendo essa terminologia.

De acordo com o artigo “a morte de uma mulher é considerada como a forma mais extrema de um continuum de atos de violência”, tendo em vista o ciclo da violência citado anteriormente, que elucida o fato das mortes não acontecem de forma isolada na vida das vítimas, principalmente quando os agressores já mantinham uma relação com elas.

CATÁSTROFES COTIDIANAS E NARRATIVAS JORNALÍSTICAS

O caso de Wellen é apenas um caso de feminicídio em um mar de crimes contra as mulheres que acontecem diariamente no Brasil. Apenas em 2023, foram relatados mais de 1400 casos de feminicídio, segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Ao pensar no grau de incidência desses crimes, é comum se perceber um padrão de normalização perante às violências vividas, por mais cruéis e dilaceradoras que sejam, as histórias de milhares de meninas e mulheres se perdem no amontoado de assassinatos.

O debate acerca da quantidade de casos que acontecem e a normalização de catástrofes está inserida no projeto de pesquisa “Catástrofes cotidianas: explorações analíticas das articulações entre textualidades, acontecimentos e temporalidades” (Leal, 2022). Segundo o projeto, as catástrofes não são acontecimentos isolados, mas acontecimentos que se distanciam do que é socialmente considerado como o “o cotidiano normal” (Leal; Gomes, 2020).

Ao longo da pesquisa, os autores discutem sobre como o termo “catástrofe cotidiana” tende a gerar de início um estranhamento da parte dos leitores, ao pensar que as catástrofes são eventos isolados e que marcam de forma profunda indivíduos e toda uma sociedade. Entretanto, a expressão que parece inicialmente um equívoco por conectar o acidental e imprevisto à rotina e banalidade, ao ser analisada pode ser entendida de outra maneira.

A partir dessa definição, sugere-se que a catástrofe ocorre quando há uma quebra da normalidade diária, onde uma possibilidade não se concretiza, transformando a "ação" em mera manutenção de hábito. Nesse contexto, a catástrofe deixa de ser um evento monumental específico para se tornar um acontecimento em curso, permeado por elementos ideológicos, temporais e diversos outros (Leal, 2022).

Desse modo, investigamos como a catástrofe se desenvolve no ambiente atual e como as narrativas contribuem para essa construção ao longo do tempo. Além disso, exploramos como a narrativa e o atordoamento se entrelaçam nesse processo, já que o primeiro geralmente está ligado ao evento da catástrofe, que, na realidade, é o próprio acontecimento, conectando narrativa, evento, catástrofe e atordoamento de maneira inseparável (Leal, 2022).

No caso de Wellen, analisamos seu caso a partir da ótica das catástrofes cotidianas e da rotina nos ambientes jornalísticos. A partir do ponto em que diversos casos de feminicídios acontecem diariamente, e mais casos ainda de violências anteriores ao assassinato. No livro “Para Desentender o Jornalismo” (Leal, Tassis, Manna, 2023) é debatido a relação entre o Jornalismo e a Empresa, uma vez que o trabalho do Jornalista é de apurar e levar informações para a sociedade – mas que também é uma profissão inserida no sistema capitalista de geração de lucros e rendas. Os repórteres passaram a ser pagos para buscar informações que atendessem a um interesse público, privilegiando notícias atuais e mais próximas aos locais onde os jornais circulavam, vinculando as notícias à vida cotidiana das pessoas” (Ferreira, p. 136).

Com a massificação do que é notícia e do cotidiano do jornalista, as várias notícias de violências anteriores ao feminicídio e ao próprio assassinato, se perdem no mar de

informações cotidianas. Assim, o próprio sujeito jornalista “normaliza” as catástrofes que acontecem diariamente – tanto pela grande incidência quanto para sobrevivência à rotina imersiva do jornalismo factual. Uma vez que o jornalista enxerga essas catástrofes como “rotina”, os leitores e telespectadores dos jornais também são afetados por essa impressão de que é “apenas mais um caso”.

ELABORAÇÃO

Para análise da cobertura jornalística do caso de Wellen, foram analisados de forma quantitativa e qualitativa os materiais pesquisados. Inicialmente, fizemos uma pesquisa quantitativa em relação a notícias de caso de feminicídio em três veículos: Diário de Uberlândia, G1 Triângulo e Estado de Minas. Os veículos foram escolhidos tendo em vista suas abrangências, sendo o Diário de Uberlândia um veículo local e que apresenta mais notícias relacionadas aos bairros da cidade; enquanto o G1 Triângulo é um veículo com abrangência regional, sendo o maior do Triângulo Mineiro, alcançando também outras cidades do entorno; e o Estado de Minas tem alcance estadual, por isso, seu público é geograficamente mais disperso, sendo que as notícias não são tão específicas para o leitor uberlandense propriamente.

Na pesquisa, foram usadas palavras-chave como Feminicídio, Morte de Mulheres, Assassinato de Mulheres e Violência contra a Mulher para levantar casos em 2023. Nessa pesquisa, encontramos o desdobramento do caso de Wellen e em pesquisas mais detalhadas, chegamos ao início de sua trajetória de violência, em 2020. Por se tratar de um caso emblemático com marcadores comuns em casos de feminicídio, como a presença de um relacionamento abusivo, violência anterior ao assassinato, presença de filhos e crianças e afastamento familiar, o caso foi escolhido para análise principal.

Assim, ao delimitarmos o caso de Wellen como o principal desta pesquisa, realizamos uma análise de conteúdo de caráter qualitativo.

Por análise de conteúdo entendemos um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Estes procedimentos são aplicáveis a textos que variam de conversas espontâneas a documentos oficiais, passando por todos os tipos de

manifestações escritas ou não. Os objetivos da análise de conteúdo podem ser muito variados, desde a descrição objetiva do conteúdo da comunicação até a interpretação dos significados subjacentes à mensagem" (Bardin, 2016, p. 31).

Na análise, foi utilizado como elemento tensionador o Manual do Jornalismo Humanizado da Agência Think Olga. Trata-se de um material digital disponibilizado pela agência que tem como objetivo fomentar uma narrativa mais humanizada nas coberturas jornalísticas de casos de violência contra a mulher. Nesse manual, percebe-se pontos essenciais para uma construção jornalística de uma narrativa que não perpetue violências. Uma de suas premissas é que os veículos de comunicação, como formadores de opinião da sociedade, tenham cuidado ao divulgar notícias de feminicídio, preservando a dignidade das vítimas e familiares e se posicionem no enfrentamento dos constrangimentos e subjugações sociais que colocam as mulheres em uma condição de vulnerabilidade, inclusive no próprio lar.

Ao todo, foram levantadas 16 notícias, dos três veículos. A divisão entre eles não é igualitária, sendo que duas notícias foram lançadas no Estado de Minas em contraposição às oito notícias no Diário de Uberlândia, incluindo três sobre o sequestro de Wellen, que antecedeu sua morte. O Diário de Uberlândia foi o único veículo dos analisados que reportou o sequestro que antecedeu a morte da vítima; os outros apenas trouxeram à tona o caso de Wellen com seu assassinato.

No caso de Wellen, sua visibilidade na mídia foi notória na região, tendo em vista que ela foi morta na frente do filho - um elemento que mexe com o conceito de maternidade instaurado na sociedade e a brutalidade de sua morte. No entanto, anteriormente quando ela foi sequestrada, não havia visibilidade ou notícias em veículos fora de Uberlândia - e mesmo os regionais, não publicaram sobre seu sequestro. Apenas após sua morte, seu caso foi visto e considerado um alerta de atenção.

Na cobertura jornalística feita pelo g1, o primeiro título envolvendo a morte de Wellen é “Mulher é morta pelo marido em MG; vídeo mostra assassino deixando o local do crime com o filho”. Já o Estadão, mesmo não tendo noticiado o sequestro de Wellen, apostou no título “Dois anos após sequestrar esposa, homem mata a mulher na frente do

filho”. Por último, o Diário de Uberlândia apostou no título “Mulher é esfaqueada e morta pelo companheiro na frente do filho em Uberlândia; vídeo mostra fuga do autor”. Os veículos apostam no uso do vídeo das câmeras de segurança, mostrando o momento em que Diego foge com o filho. Nas notícias que sucedem a primeira, os veículos escolheram fotos em que Wellen e Diego aparecem como um casal feliz, sorrindo um ao lado do outro e próximos. A escolha de fotos das redes sociais em que a vítima e o agressor estão lado a lado, de forma descontraída, pode dar espaço para o argumento de que a morte de mulheres, como o caso de Wellen, seja considerada um “crime passional”.

Figura 1 – Foto usada na cobertura jornalística do crime (casal feliz)



Fonte: Reprodução/ Redes Sociais

Figura 2 – Foto usada na cobertura jornalística do crime (momento cotidiano)



Fonte: Reprodução/ Redes Sociais

Entretanto, mesmo com as dificuldades acerca da produção do fazer jornalístico em grandes veículos, percebe-se pontos essenciais para a construção de uma notícia que não seja violenta para as vítimas. De acordo com o Manual de Jornalismo Humanizado do Think Olga, é essencial que os veículos de comunicação, como formadores de opinião da sociedade, tenham cuidado ao divulgar notícias de feminicídio.

Alguns dos pontos levantados no Manual para a cobertura jornalística são: a não romantização do agressor, o não julgamento das vítimas por seu comportamento antes e após o crime e chamar o crime pelo seu nome, ou seja, nomear as mortes violentas de mulheres como feminicídio. Elementos que não foram notados em todas as notícias analisadas neste trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as notícias veiculadas na época do caso de Wellen, percebemos que os pontos apresentados como essenciais para o Manual do Think Olga e outras questões, como a preservação da imagem da vítima e sua humanização, são deixados de lado em boa parte da cobertura. Em trechos como o da primeira notícia do Estado de Minas, como: “preso, homem disse estar enciumado” e “O crime teria sido motivado por ciúmes” em conjunto com as fotos escolhidas, podem ser interpretados de forma violenta com o histórico de Wellen, justificando um crime hediondo como algo meramente circunstancial, motivado por um momento de ciúmes.

Outro ponto a ser destacado é o uso da imagem do filho de Wellen e Diego nas primeiras notícias apresentadas no caso. Além de imagens do casal reunidos em poses aparentemente felizes e distraídas, passando a ideia de que eles eram um casal com amor e companheirismo, que dá força para o argumento de crime passionai, comum em julgamentos de casos de feminicídio.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo: Princípios e Procedimentos**. 2016.

DIÁRIO DE UBERLÂNDIA. **Mulher é esfaqueada e morta pelo companheiro na frente do filho em Uberlândia**; vídeo mostra fuga do autor. Diário de Uberlândia, [13 jul. 2022]. Disponível em: <https://diariodeuberlandia.com.br/noticia/31664/mulher-esfaqueada-e-morta-pelo-companheiro-na-frente-do-filho-em-uberlandia-video-mostrafuga-do-autor>. Acesso em: 24 nov. 2023.

DIÁRIO DE UBERLÂNDIA. **Mulher assassinada pelo companheiro já tinha sido vítima de sequestro e violência doméstica em 2020**. Disponível em: <https://diariodeuberlandia.com.br/noticia/31665/mulher-assassinada-pelo-companheiroja-tinha-sido-vitima-de-sequestro-e-violencia-domestica-em-2020>. Acesso em: 24 nov. 2023.

ESTADO DE MINAS. **Dois anos após sequestrar esposa, homem mata a mulher na frente do filho. Estado de Minas**, [13 jul. 2022]. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2022/07/13/interna_gerais,1379897/doisanos-

[apos-sequestrar-esposa-homem-mata-a-mulher-na-frente-do-filho.shtml#google_vignette](#). Acesso em: 24 nov. 2023.

G1, **Mulher é morta pelo ex-marido na frente do filho em Uberlândia**. 13 jul. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2022/07/13/mulheremorta-pelo-ex-marido-na-frente-do-filho-em-uberlandia.ghtml> . Acesso em: 24 nov. 2023.

G1, **Corpo de mulher morta pelo marido é sepultado em Uberlândia**. 13 jul. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2022/07/13/corpo-de-mulher-morta-pelo-marido-e-sepultado-em-uberlandia.ghtml>. Acesso em: 24 nov. 2023.

LEAL, Bruno. **Catástrofes cotidianas**: explorações analíticas das articulações entre textualidades, acontecimentos e temporalidades. 2023.

LEAL, Bruno Souza, TASSIS, Nicoli e MANNA, Nuno (Orgs.). **Para desentender o jornalismo**. Belo Horizonte: Fafich/ Selo Editorial PPGCOM/UFMG, 2023,

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. 1995.

THINK OLGA. **Manual do Jornalismo Humanizado**. Disponível em: https://thinkolga.com/wpcontent/uploads/2020/04/ThinkOlga_Minimanual_Parte_I_Violencia_Contra_Mulher.pdf. Acesso em: 24/11/2023